

3ª Parte

Prosa de Ficção

Memórias de Um Escrivão de Cartas

João Clímaco Bezerra

Eu chegara à pequena cidade serrana numa manhã de muita chuva e muito frio. Vinha do sertão brabo, com o sol ainda mais brabo queimando tudo. E era como quem penetra num país estrangeiro quando arrumei os livros em cima da mesa e fiquei, nas manhãs e nas tardes calmas, olhando a paisagem diferente, com a neve fina se diluindo no céu.

De princípio, chegaram visitas. Embora estranho, eu ia ficar ali por algum tempo, pedindo ao clima a restauração da saúde combalida.

Um rapaz, de quem cedo me tornaria amigo, apareceu, num domingo de sol, quando a serra se despedia do inverno. Ia pedir-me um favor. De começo, meio encabulado, falava com dificuldade, achando que as palavras não vinham.

Mas a necessidade era maior que o encabulamento. Então o rapaz me contou a sua “tragédia”. Tinha uma namorada ausente, aluna de colégio. E desejava responder-lhe a uma carta. Li aquelas letras ingênuas, miúdas, com provas de ternura e votos de felicidade. E me encapuzei na pele do amigo para corresponder-lhe ao afeto.

Entrei assim para a intimidade daquele amor. Não vi a môça jamais. Porém comecei a idealizá-la de maneira diferente. E, instado pelo rapaz, escrevia-lhe cartas que não eram minhas cartas. Comecei a deixar que a imaginação corresse no papel. Fui tomando conta daquele amor alheio e fui aumentando a paixão do amigo, através das minhas palavras.

E quando o homem do correio apontava as quintas-feiras (só havia uma mala por semana, conduzida ao ombro de um caboclo), eu aguardava ansioso a resposta da minha carta. Porque agora as cartas eram minhas. Eu já não sabia viver sem elas. As queixas que elas traziam, eu perdoava a todas nas respostas.

Um dia o meu amigo entra-me em casa, meio transtornado. Soubera más notícias da namorada. Ela estava indiferente, fria. Mas eu não me fiz de entendido. De repente, a ordem soou -- autoritária:

- Vamos fazer uma carta acabando...

Relutei. Argumentei. E não acabei. Fiz uma carta fria, que custou a ser respondida. Como senti a demora da resposta! Meu amigo estava indiferente. Até estimava que a sua namorada não lhe respondesse mais.

Era domingo quando a carta chegou. Um grito sentido de dúvida, de mágoa, de desespero.

Meu amigo sorria compassivo. E mais uma vez me fulminou:

- Vamos acabar.

Era domingo, já disse, e o sol estava bonito. As lombadas da serra se perdiam no horizonte. A cidadezinha dormitava ao calor dos primeiros dias de verão. E eu me sentia cada vez mais só, mais isolado do mundo, da família, das amigos distantes. E agora quem mandaria aquelas cartas derramadas, cheias de ternura, embora com outro endereço? A quem eu escreveria as confissões de amor as líricas esperanças que me acompanhavam na solidão?

Peguei no braço do meu amigo e, no maior dos desesperos, pedi-lhe humilde:

- Não acabe agora, não. Deixe eu ir embora.

Se acabou, não sei. Mas nunca mais vi uma daquelas cartas e nunca mais escrevi a suas respostas.